

COLÓQUIO

Covid-19, Vírus das Desigualdades

Sociais 8, 9 e 10 Novembro 2022



Apresentação

A história da humanidade tem sido a história das desigualdades sociais. Nessa história, surge, de maneira arrasadora e sem pedir licença, em pleno século XXI, o tsunami Covid-19. Ele é complexo. Técnico. Social. Financeiro. Não é traduzível numa cifra simples, redonda, sem letras. Uma nova realidade exige “novas” “grades de leitura”. Abarca múltiplas dimensões. Envolve uma multitude de atores e fatores. Assim, a pandemia do coronavírus distorce o desenrolar e o sentido da história. Ataca, indiscriminada e intensamente, a todos os seres humanos, homens, mulheres e crianças, ricos e pobres. Afeta-os, porém, de maneira desigual. Uns mais. Outros, nem tanto. Mais os pobres. Menos os ricos. Mais os países subdesenvolvidos. Menos os países desenvolvidos. Desenvolve uns, “subdesenvolve” outros. Acumula ainda mais riquezas num polo, e mais pobreza noutro.

As desigualdades revelam-se, de maneira mais flagrante, nos tratamentos médicos e outros meios dispensados aos afetados. Satisfatórios para uns. Precaríssimos ou inexistentes para outros.

Se se considerar o conjunto do planeta, o Covid-19 agrava, certamente, as desigualdades sociais na quase totalidade dos países. Aparece como um vetor acelerador e amplificador de desigualdades de riquezas, desigualdades de género, desigualdades de classes sociais, desigualdades psicossociais, educacionais e raciais existentes.

Em suma, mais de dois milhões de pessoas perderam a vida. Tantos outros milhões de pessoas caíram na pobreza.

No entanto, o vírus é também um grande negócio. Gera altos lucros nas indústrias farmacêuticas. Abre oportunidades de negócios para empresas e profissionais de setores de saúde e de tantos outros.

Dentro desse “olhar”, e partindo-se do pressuposto de que o ponto de vista nada mais é do que a vista de um ponto, o SOCIUS/ISEG organiza o presente Colóquio, segundo e seguindo sua cosmovisão plural. Uma pluralidade de “vozes” sem hierarquia definida ou preestabelecida. Uma polifonia. Uma narrativa.

Com efeito, além de ser uma questão social, sanitária, técnica, o tsunami Covid-19 é também uma narrativa. Assim, o Colóquio apresenta-se como espaço de debates e discussões de narrativas, hegemónicas ou subsidiárias, formais ou informais, objetivando-se mapear – embora (e ainda) de modo inicial e provisório – os “efeitos colaterais” do Covid-19 e aportar elementos de compreensão e de análise da pandemia, na perspetiva das desigualdades (no sentido amplo esboçado), que serão objetos de estudos e de análises das conferências (1ª parte) e das oficinas (2ª parte).

A saber:

I. Conferências:

- A pandemia mundial
- A pandemia na América Latina
- A pandemia na Africa

II. Oficinas Temáticas

Oficinas Temáticas

Submissão de resumos online através do link: <https://forms.gle/9SX2D3U3Mavv6PGa7>

Data limite para envio de resumos: **30 setembro 2022**

Informações: sociuseventos@iseg.ulisboa.pt

Oficina 1 – Igor Vinicius Lima Valentim

Desassossegos e propostas para mundos menos desiguais

Esta oficina tem o objetivo de ser um espaço para a discussão de iniciativas, ideias e propostas na direção de mundos menos desiguais. Vamos nos ouvir, debater e construir juntos?

Desigualdades crescentes. Guerras. Destruição dos ambientes em que (co)habitamos. Violências. Relações de ódio. Preconceito. Discriminação. Miséria. Fome. 2020. Mais uma pandemia na história. 2022. Um mundo que ainda convive com milhares de mortes diárias por covid-19.

É difícil, às vezes, evitar o pensamento de que somos uma espécie que não aprendeu a viver em paz e harmonia no planeta e que, portanto, fracassou! As mídias dizem que notícia boa não dá audiência. Mas existem iniciativas transformadoras acontecendo diariamente no mundo, ainda que muitas não cheguem até nosso conhecimento: inúmeros esforços na direção de mundos menos desiguais.

A covid produziu em nós desassossegos e inquietudes na direção de ideias e propostas para reduzir desigualdades? Por menores que sejam?

Vamos debater ideias e propostas para construir um mundo menos desigual. Ações ao nosso alcance.

Mudanças que começam em nós. Vamos nos ouvir? Vamos conversar? Vamos construir juntos?

Algumas possibilidades de ideias e propostas estão ligadas (mas não limitadas) a:

- Experiências com desigualdades (o que precisamos tornar menos desigual?)
- Ferramentas e iniciativas para mundos menos desiguais
- Como fortalecer desejos por mundos menos desiguais? Alguém quer menos desigualdades?
- Projetos e financiamentos na direção de mundos menos desiguais;
- Possibilidades ligadas à educação e à ciência;
- Torre de Marfim – Podem as universidades contribuir para mundos menos desiguais? Como reduzir a desigualdade dentro da própria universidade?

Sinta-se à vontade para escrever caso queira discutir a sua proposta antes do envio para:

valentim@gmail.com

Oficina 2 – Isabel Castro

Do desigual acesso à educação "invisível ou à distância" por quem já acedia de forma desigual à educação "visível ou presencial".

Com a Pandemia COVID19, decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) durante o mês de janeiro de 2020, muitos países viram-se na contingência de impor Estados de Emergência obrigando ao "fechamento" de todos os serviços públicos, com exceção dos Sistemas Nacionais de Saúde. Neste contexto, também o sistema educativo "fechou" e passou para "ensino à distância", sem qualquer preparação prévia, quer para alunos, quer para professores, processo que revelou a total impreparação e falta de pró-atividade das instituições públicas para agirem em estados de "crise e emergência".

Não houve qualquer capacidade de preparação prévia para um acesso massivo a um processo de "educação invisível ou à distância" a partir de março de 2020. Nesta passagem repentina de um processo educativo "visível ou presencial" para um processo educativo "invisível ou à distância" assistiu-se, como não podia deixar de acontecer, ao agravamento das desigualdades de acesso à educação por parte de

muitos alunos, que já antes da Pandemia acediam de forma desigual "à educação visível" e que com a instauração do sistema de "educação invisível" viram as suas condições desiguais agravarem-se notoriamente, de tal forma que as instituições públicas de educação se sentiram na obrigação de lançar, de forma reactiva, conteúdos educativos que pudessem ser acedidos por todos, criando em canal público de Televisão (RTP1) o programa "Telescola" para os Ensinos Básico e Secundário (até ao 9º ano).

Com a Oficina pretende-se refletir sobre a forma como as instituições agem, em geral, e "paralisam", em particular, em situações que deveriam ser previamente consideradas e planeadas, como as desigualdades já existentes e que tendencialmente se agravam sempre que períodos de crise se instauram, como foi na Pandemia devida ao vírus COVID19.

Oficina 3 – Boguslawa Sardinha

Pandemia e aumento de desigualdades no mercado de trabalho

O período de pandemia colocou em evidência as desigualdades no mercado de trabalho, aprofundando-as e evidenciando novos focos de desigualdade.

O teletrabalho pode ser para alguns trabalhadores uma oportunidade, mas não para todos, atendendo à natureza do trabalho, às competências e às condições tecnológicas, criando assim um novo foco de desigualdade no mercado de trabalho.

A pandemia evidenciou também as dificuldades na conciliação da jornada dupla, principalmente quando se trata de conciliar o teletrabalho com a vida familiar e a profissional. Neste aspeto, as mulheres saíram claramente prejudicadas dado que na maioria das vezes dedicam muito mais tempo à vida familiar do que os homens.

Oficina 4 – Maria do Rosário Justino e Joaquín Texeira Quiros

A desigualdade tecnológica entre as PME's e as grandes Empresas

Estudar o impacto que o Covid-19 teve nas empresas, especialmente aquelas que não conseguiram adaptar-se ao ambiente por falta de capacidade de inovação e de recursos tecnológicos. Pode aferir-se quais os setores de atividade que foram mais prejudicados, como é o exemplo do setor do turismo. Pode-se até verificar estatisticamente quantas empresas faliram durante determinado período, com o objetivo de demonstrar a desigualdade que o vírus gerou.

Oficina 5 – Amílcar Gonçalves e José Maria Carvalho Ferreira

Pandemia, TIC,s e Desigualdade Social

A normalidade da vida quotidiana das espécie humana foi remetida de forma abrupta para situações anómalas no que concerne as medidas impostas pelo confinamento e o distanciamento social, assim como de outras medidas restritivas de vigilância sanitária e de higienização. A partir do momento em que a ciência adota uma decisão imperativa de que a origem e transmissão do vírus estava no contacto humano, as TIC,s pela sua natureza virtual passa assumir uma função primacial no impedimento e da superação da generalização do vírus. Como consequência, todos os processos de socialização e de sociabilidade humana foram afetados, sobretudo com a criação e desenvolvimento de novos espaços-tempos comportamentais de desigualdade social.

Para diminuir as desigualdades, a principal estratégia adotada com sucesso em alguns países desenvolvidos é a efetivação de um sistema tributário que escalona a arrecadação de impostos, taxando mais os contribuintes com maior renda e património.

A medida permite dinamizar os recursos concentrados no topo da pirâmide económica, aumentando consumo, emprego, renda e lucro nas demais camadas sociais. Mas a economia política faz com que boas

medidas de combate à pobreza e à desigualdade não sejam adotadas, porque a desigualdade favorece alguns grupos poderosos que se opõem à mudança.

A tecnologia está mudando o modo como nós, como sociedade, nos comportamos.

Há inúmeras maneiras pelas quais as nossas interações com a tecnologia têm o potencial de moldar nossos pensamentos, sentimentos e interações sociais.

Esta Oficina, Problematisa e Questiona:

- De que modo as TIC,s foram um problema ou uma solução para superar a crise da pandemia atual?
- As TIC,s são causa ou efeito da desigualdade social que emergiu com a generalização do Covid-19?
- Perante a generalização do Covid-19, quais as consequências, funções e disfunções comportamentais originadas pelas TIC,s na vida quotidiana da espécie humana?

Oficina 6 – Vania Estivaleta

Bem estar no Trabalho, Comportamento de Cidadania Organizacional e Inteligência Emocional no contexto de pandemia por COVID 19.

A pandemia denominada COVID-19, afetou diretamente todas as pessoas, levando a uma crise sanitária e humanitária aproximadamente por todo o planeta, “testando a espécie humana em várias dimensões” (LIMA, BUSS e PAES-SOUSA, 2020). Diante disso, o contexto do trabalho sofreu um enorme abalo perpassando diversos aspectos que devem ser analisados. Além das questões econômicas e sociais, uma das esferas que merece muita atenção é o estado emocional dos indivíduos, devido ao isolamento social provocado pela pandemia, como o trabalho remoto, a fim de tentar conter o avanço da disseminação do vírus.

Neste cenário emerge a preocupação com o bem-estar dos trabalhadores, os comportamentos de cidadania organizacional e a satisfação no trabalho.

Algumas questões motivaram reflexões sobre estes temas dentre as quais destacam-se:

As práticas e iniciativas de gestão adotadas pelas organizações num contexto de pandemia contribuíram para o bem-estar dos trabalhadores?

Num contexto de pandemia é possível identificar Comportamentos de Cidadania Organizacional (CCO) por parte dos trabalhadores? Quais dimensões dos CCO são mais valorizadas pelos trabalhadores?

A inteligência emocional auxilia na resolução de problemas pessoais com colegas e contribui com o aumento de comportamentos de cidadania organizacional?

Oficina 7 – Bernadete Bittencourt

As regiões marginalizadas e as consequências da pandemia

As comemorações da contenção do coronavírus mascaram as persistentes desigualdades socioeconómicas e a marginalização regional. Antes da pandemia, alguns países acumulavam um nível de dívida pública elevado. Espera-se que esse número aumente à medida que os países buscam mais empréstimos relacionados a COVID-19. Como, e.g., o caso de Portugal e do Plano de Recuperação e Resiliência na União Europeia. Embora essa ajuda financie medidas de apoio económico, é improvável que mitigue profundas disparidades de riqueza e acesso a recursos públicos. Isto é particularmente verdadeiro para as regiões marginalizadas. Com o sistema tributário fortemente estruturado em torno da economia neoliberal dos credores internacionais, em muitos países esta situação apenas aprofundou a desigualdade regional ao longo do tempo. Embora possa ser verdade que a pandemia tenha causado um golpe na economia nacional, serão as regiões marginalizadas que sentirão o impacto com mais força e levarão mais tempo para se recuperar. Essa marginalização persistente apresenta uma mensagem clara para muitas comunidades: sobreviver ao coronavírus não os salvará de problemas económicos e exclusão sociopolítica. A condição de 'região vítima', exemplifica a extensão desta fratura e o sentimento de

injustiça que perpassa estas regiões do interior verdadeiramente deixadas para trás pelo desenvolvimento económico e social do país. A tensão económica causada pelo coronavírus afetará desproporcionalmente essas regiões marginalizadas que enfrentarão desafios económicos significativos ao longo dos anos, apesar dos esforços de desenvolvimento local dos governos. Olhar para uma economia pós-COVID-19 apresenta uma oportunidade para repensar as estratégias de desenvolvimento local e as políticas de inovação social, e é aqui que se sugere que o reforço de uma economia social e solidária será vital.

Com isto em mente, o objetivo desta oficina é fortalecer o diálogo entre perspetivas conceituais, abordagens e campos sobre regiões marginalizadas e as formas de inovação social ao desenvolvimento da economia social e solidária, visando harmonizar instituições públicas, privadas e da economia social. Propostas teóricas baseadas em estudos empíricos e/ou reflexões, bem como estudos de caso são bem-vindas, especialmente se focarem em:

- Inovações sociais promovidas por instituições políticas, organizações de economia social e solidária, organizações da sociedade civil, movimentos sociais e academia (experiências do mundo real e das ciências sociais).
- Condições que influenciam a adoção inovações sociais, a forma que elas tomaram no processo de desenvolvimento local, a qualidade do processo, bem como a possível influência nas decisões políticas estratégicas.
- Compreender se e como experimentos participativos e deliberativos de inovação social podem ajudar regiões marginalizadas em tempos de crise
- Condições da crise do COVID-19 que exacerbou as desigualdades - não apenas em rendimento, mas também em oportunidades: acesso a finanças, tecnologia digital, meios de comunicação, etc.

Oficina 8 – Rabah Benakouche

Desigualdades de gênero diante do Covid-19: Que olhares? Quais perspectivas?

O termo pandemia, no sentido grego (*pandemias*), engloba “todo o povo”. Subentende-se, implicitamente, que o conavírus afeta a todos humanos e países do mesmo modo e com a mesma intensidade. Esgueira-se aí uma armadilha subjetiva. Uma ilusão de “leitura”. A contrário, este coloca em relevo (e de maneira destacada) o aprofundamento das desigualdades pré-existentes (no sentido plural), quer sejam elas de gênero, raça, classes sociais ou de espaço. Esse aprofundamento desigual gerou e gera, por sua vez, assimetrias abismais dos pontos de vista de acessos (tratamento de saúde, uso de tecnologias de comunicação etc.) e oportunidades (trabalho e outras tantas atividades).

A presente oficina, enquanto espaço de debate e de reflexão, se quer que seja, antes de tudo, crítico e plural. Focam-se questões de gênero do problema em tela, objetivando-se estudar os como (s) e os porquê (s) dos determinantes pandêmicos formatam a configuração social e política do cenário sanitário mundial. Daí a necessidade de apreender e entender as expressões singulares das desigualdades e de exclusões partindo-se da perspectiva de gênero.

Além dos efeitos colaterais sobre economia, saúde, meio ambiente, o tsunami do conavirus produz e produziu fatos singulares tais como os confinamentos sociais e o da suspensão das atividades laborais e escolares. Tal situação atípica precisa ser indagada, desvendada, analisada, criticada. Pois, vê-se, entre outros, a transferência (via mecanismos de transferência de valor do Estado às pessoas físicas e às empresas) os custos e funções sociais que eram arcados pelo Estado. Pense-se, evidentemente, ao cumulo de atividades (trabalho doméstico, atividades escolares para as crianças etc.) que caem, pesadamente, nas “costas” das mulheres. Diante disso, é escusado dizer que há que há questões importantes que precisam ser afrontadas tais como: Quem continuou e continue trabalhando? Em qual setor de atividade? Quem assumiu e assume tarefas escolares das crianças? Trabalho doméstico? Enfim: Quem cuidou e cuide de quem?

Antes da submissão do resumo, os interessados podem esclarecer dúvidas através do e-mail: covid19genero@gmail.com

Oficina 9 – Ana Filipa Ferreira

Impacto da pandemia no comportamento da sociedade relativamente ao consumo e gestão de recursos numa perspetiva de economia circular/desenvolvimento sustentável

Todos nós sabemos que o consumo de combustíveis fósseis tem vindo a aumentar nas últimas décadas sendo responsável por problemas a nível ambiental e de sustentabilidade. Por este motivo, torna-se essencial o uso de energias renováveis, visando a redução da dependência de combustíveis fósseis, o melhoramento da produção de energia, eficiência, o aumento da segurança de fornecimento, dando atenção à diversificação de fontes de energia primária.

A Economia Circular representa uma opção crucial para o desenvolvimento sustentável da União Europeia (EU) e Portugal, incentivando o uso eficiente de recursos, a produtividade e a competitividade, gerando crescimento económico, postos de emprego e redução dos impactos ambientais, tais como redução nas emissões de gases de efeito de estufa (GEE) e de poluentes. Numa economia circular o valor dos produtos, materiais e recursos é mantido na economia pelo maior tempo possível e a geração de resíduos é minimizada, tal como é também minimizada a necessidade de extração de matérias-primas primárias e os impactos inerentes a este processo.

O objectivo deste tópico será estudar o impacto que o Covid-19 teve no comportamento das pessoas relativamente ao consumo e gestão de recursos como: 1) gestão de compras/alimentação; 2) consumo/gestão de energia; 3) consumo de água; 4) reciclagem, entre outros.

Oficina 10 – Sandra Loureiro

Agentes IA, as interações sociais e a pandemia

A União Europeia reporta no *JCR science for policy report “Artificial Intelligence and Digital Transformation: early lessons from the COVID-19 crisis”* que o COVID-19 atuou como um impulsionador da adoção e uso de IA (Inteligência Artificial) em pesquisas científicas, na aceitação de robots no local de trabalho; práticas partilha de dados entre empresas e entre empresas e governos; a mudança para a educação online, administração pública, comércio e negócios; ou na inovação para lidar com a crise. Assim, proliferaram as interações entre agentes AI e os humanos, através de *chatbots*, assistentes virtuais e influenciadores virtuais e outros. Estes agentes podem operar com mecânicos (aprende e adapta minimamente), analíticos (aprende e adapta sistematicamente) ou mesmo gradualmente evoluir para intuitivo (Aprende e adapta intuitivamente, compreende) e empático (aprende e adapta empaticamente, experiência). Estes agentes podem também ser robots (robots com IA algoritmos) mais ou menos humanoides que servem em hotéis, restaurantes, etc.

Porém, nem todos tiveram ou quiseram ter acesso a estes agentes durante a pandemia.

- Como irão evoluir as interações sociais entre humanos e agentes IA?
- Serão que em alguns casos eles irão substituir os humanos (ex. ensino, saúde, apoio social a idosos, criatividade, arte)?
- Poderemos estar na iminência de uma sociedade híbrida?
- Podemos considerar o emergir de grupos sociais de AI-excluídos?
- Quais as transformações sociais emergentes? Irão estes agentes, em formas mais evoluídas, adquirir consciência de si e consciência social? E quanto a direitos e deveres deles como cidadãos?
- Como serão as novas redes sociais tridimensionais onde proliferam interações e influenciadores virtuais (plataformas iguais ou gerações futuras do metaverso)?
- Que sociedade se está a desenvolver? Quais as novas desigualdades e paridades?

Estas são questões que urge começar a discutir e que servem de ponto de partida para investigações futuras.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Cristina Vilhena Mendonça (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Manuel Pacheco Coelho (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Isabel Mendes (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Rabah Benakouche (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Igor Valentim (UFRJ)

Amilcar Gonçalves (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Isabel Castro (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Ana Filipa Ferreira (IDMEC/IST-ULisboa)

Sandra Loureiro (ISCTE-IUL)

Vania Estivaleta (UFSM)

José Maria Carvalho Ferreira (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Bernadete Bittencourt (EsACT-IPB)

Bogusglawa Sardinha (ESCE-IPS)

Maria do Rosário Justino (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Joaquín Texeira Quiros (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Rabah Benakouche (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Igor Valentim (UFRJ)

Amilcar Gonçalves (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Maria Cristina Maneschy (UFPA)

Isabel Castro (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Ana Filipa Ferreira (IDMEC/IST-ULisboa)

Sandra Loureiro (ISCTE-IUL)

Vania Estivaleta (UFSM)

José Maria Carvalho Ferreira (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Juniele Rabêlo de Almeida (UFF)

Isabel Castro (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Rogério Goulart da Silva (UFPR)

Bernadete Bittencourt (EsACT-IPB)

Boguslawa Sardinha (ESCE-IPS)

João da Mata (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Fernando Bonfim Mariana (UnB)

Maria do Rosário Justino (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Valdir Alvim (UFSC)

João Clemente Sousa Neto (SOCIUS/UPM)

Joaquín Teixeira Quiros (SOCIUS/ISEG-ULisboa)

Fábio Machado Pinto/ ESEF/UFPE (Brasil)